

AVALIAÇÃO ANÁLITICA DA GESTÃO “TODOS PELA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODOS”

Elione Maria Nogueira Diógenes

Instituição: Universidade Federal do Maranhão-UFMA – elionend@yahoo.com.br

Análise do Discurso: um Viés Teórico de Interpretação da Política de Reforma da Educação no Ceará

É perfeitamente possível que, ao fazer falar o silêncio de um pensamento ou de um discurso ao explicitar o seu implícito, o que se revele para nós seja um pensamento mais rico do que havíamos imaginado, capaz de nos dar pistas para pensar, caminhos novos, justamente porque pudemos perceber muito mais do que o que parecia à primeira vista estar contido nele. (Chauí apud Hühne 1992, p. 15).

O conjunto teórico-epistemológico da análise do discurso é considerado complexo pelos estudiosos da área (ORLANDI, 1996; BRANDÃO, 1997; PÊUCHEX, 1997), mantendo uma tensa relação entre as noções que a integram dado à interlocução epistemológica que estabelece com outros campos do conhecimento. O dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso manifesta as afinidades e/ou diferenças no diálogo com outros saberes, oferecendo ao pesquisador (a) um artefato de investigação revelador no desvendamento da formação discursiva do seu objeto de estudo.

A teoria do discurso que sedimentou as bases conceituais desta pesquisa: a análise do discurso da “qualidade da educação” no Ceará, num cenário de internacionalização da economia e de neoliberalismo situa-se numa área de fronteira envolvendo o campo discursivo da educação, em que se prepara o terreno para novos contatos e uma interlocução mais transversal com outras áreas afins (Fischer, 1993; 1995).

Assim, a análise do discurso possibilitou o desvendamento da produção dos sentidos subjacentes à for-



mação do discurso enquanto tal, uma vez que se aplicou e construiu-se um mecanismo de interpretação, em que se produziram os sentidos dos documentos oficiais, descortinando-os. A articulação dos pressupostos teórico-metodológicos no desvendamento das formações discursivas é fundamental para a compreensão do método utilizado neste trabalho. A intenção foi demonstrar o mecanismo de funcionamento dos sentidos a partir das formações discursivas. Para tanto, tomou-se como válido o conceito de formação discursiva na perspectiva foucaultiana (1986, p.15):

(...) um feixe de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir de sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.

Explicitando o conceito foucaultiano, a formação discursiva define-se, então, como um conjunto de relações delimitadas com certa propriedade nos enunciados, apresentando-se como um rol de idéias definidoras do objeto de expressão, e que estão atados por uma coerência interna emitida no corpo da emissão, que faz ver o que se pretenda que seja assimilado como mensagem organizada, legitimando-a finalmente. Em síntese, a formação discursiva demarca a fala de domínio e de poder, a respeito do que deve ser dito por um sujeito social portador de certa posição discursiva, num tempo determinado em dada circunstância histórica e social definida (Orlandi, 1996).

A constituição discursiva não deve ser compreendida como uma massa densa que se sustenta em outros opostos a si mesmo: o discurso do bem contra o discurso do mal, mas

como uma realidade portadora de heterogeneidade ou de homogeneidade e cheia de intenções. Uma formação discursiva é sempre um acontecimento discursivo, e enquanto tal é realidade histórico-social. O discurso, pois é entendido como um acontecimento, as estratégias de sua produção são sociais, econômicas, políticas e culturais e surgem das condições históricas da sociedade (Fiori, 1997). Portanto, é no corpo da formação discursiva que a ideologia se estabelece, dando uma aparência de ingenuidade aos discursos, como se estes não estivessem eivados de finalidades. Daí que analisar as formações discursivas no interior de suas condições de produção significa expor a movimentação do discurso hegemônico com suas razões e motivações.

No caso aqui analisado, o que se percebe é que as formações discursivas produzidas no contexto do ajuste estrutural cearense, promovido por Tasso Jereissati e CIA ilimitada focalizaram a supremacia da “qualidade” na escola pública estadual como significado de eficiência, eficácia, produtividade e efetividade, ou seja, valores típicos do mundo empresarial, pautado na lógica da produtividade, da maximização dos resultados com o mínimo de recursos financeiros, e no estímulo as parcerias com as empresas deu a tônica das diretrizes da política educacional do “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”. Os discursos fundadores da “qualidade na educação” analisados dizem respeito às Mensagens de Educação e os relatórios produzidos no período (1995-2002). De tal modo estudamos o Plano Nacional de Educação (PNE); Plano de Decenal de Educação para Todos; Mensagem à Assembléia Legislativa (1996-2002); Plano de Desenvolvimento Sustentável (1995-1998; 1999-2002); e relatórios oficiais emitidos pela gestão “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”.

Refletindo sobre o processo de produção dos discursos da qualidade na SEDUC, incluiu-se neste trabalho a organização sistematizada da interpretação do discurso institucional, criando a



possibilidade de conformar os sentidos múltiplos do discurso da qualidade, isto é, os sentidos condizentes com a reforma educacional implantada e o interesse institucional na produção dos sentidos da “qualidade” para a educação, fundamentando uma base político-filosófica para as suas decisões institucionais.

A tarefa central consistiu em revelar os discursos produzidos e os seus sentidos. Desta forma, a construção desta pesquisa se deu numa perspectiva de contribuir para o desvendamento dessa realidade e sua composição formou-se por meio da postura crítica assumida pela pesquisadora diante da produção do conhecimento, nos termos de Chauí (apud Hühne 1992, p. 19): “A crítica é um trabalho intelectual com a finalidade de explicitar o conteúdo de um pensamento qualquer, de um discurso qualquer, para encontrar o que está sendo silenciado por esse pensamento ou discurso”.

Dissecando o Discurso Oficial: Análise dos Documentos

A análise realizada a partir dos enunciados do discurso da “qualidade” em educação articulou-se concretamente no desenho do aparelhamento interpretativo por meio de dois dispositivos: o teórico e o analítico os quais, ao mesmo tempo, se justapõem e contrapõem na construção das interpretações. Após ter discutido o dispositivo teórico, inicia-se a discussão do dispositivo analítico que girou em torno de três perguntas centrais: “Como se constituiu a produção do discurso da qualidade na educação cearense?”; “Quais as condições de materialidade histórico-social da produção deste discurso”; e, “Onde reside o seu componente ideológico?”. A fonte de pesquisa constituiu-se dos discursos oficiais da Secretaria da Educação Básica – SEDUC (Ceará, 1995; 1996) em torno da “qualidade” produzidos no recorte temporal da investigação, aos quais entendo numa perspectiva foucaultiana como portadores de materialidade, consistência histórica e social.

Logo, um grupo social não engendra um discurso somente do que lhe é exterior, e sim do interior (Maingueneau, 1997, p.15). O objeto de pesquisa aqui delineado é compreendido como portador de materialidade discursiva, isto é, tem forma material, encarnada principalmente nos documentos produzidos, onde não se separa forma e conteúdo. Neste sentido, elaborou-se o seguinte esquema temático-analítico do discurso da “qualidade” que impregnou toda a reforma educacional cearense de meados da década de 1990, em que se faz as devidas interpretações.

Esquema Temático Sintético do Campo Discursivo Documental

Nesta parte do trabalho é importante chamar a atenção para o fato de que foi necessário elaborar um esquema temático sintético dos campos discursivos analisados, posto que a limitação de páginas inviabilizou colocá-los na íntegra. Os documentos analisados foram: Plano Nacional de Educação (PNE); Plano de Decenal de Educação para Todos; Mensagem à Assembléia Legislativa (1996-2002); Plano de Desenvolvimento Sustentável (1995-1998; 1999-2002); e relatórios oficiais emitidos pela gestão “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”. Atente-se para a homogeneização da formação discursiva, segundo exploração abaixo.

Formação Discursiva

1. Melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis.
2. Promover uma educação de qualidade para todos; Melhoria da eficiência do ensino fundamental.
3. Nenhum país poderá almejar a uma posição destaque no cenário internacional sem um sistema de ensino de qualidade.
4. Estamos recomendando para os próximos dez anos é a prioridade para a educação, para que o Brasil dê um salto de qualidade.



5. Oferecer uma educação compatível, na extensão e na qualidade, à dos países desenvolvidos. É fundamental que os profissionais sejam altamente qualificados.

6. Desenvolvimento de referenciais positivos e inovadores de gestão, capazes de inspirar os dirigentes na determinação de gestão capazes de garantir a maior eficácia do ensino.

7. Melhorias substanciais dos sistemas de ensino e da qualidade da educação oferecida pelas escolas baseiam-se em uma determinação global.

8. O assessoramento e o acompanhamento do ensino, como estratégia para a promoção de sua qualidade, apóia-se em uma sistemática de monitoramento e avaliação.

9. Todas as pessoas, independentemente de classe social, cor, etnia, religião ou local de moradia, devem beneficiar-se de processo educacional de qualidade.

10. Fortalecer o papel dos empresários e dos Pais na melhoria e no sucesso do aluno.

11. (...) Melhoria da qualidade do ensino ministrado.

12. (...) tornar eficiente e produtivo o gerenciamento dos serviços ações administrativas na escola.

13. (...) é preciso melhorar a qualidade da educação, Não atingir o novo patamar qualitativo no que diz respeito à capacitação da população cearense significa reduzir as perspectivas de competitividade do Estado.

14. No campo educacional, a capacitação da população teve entre suas políticas orientadoras a “universalização da educação básica de qualidade para todos”.

15. O excessivo número de escolas de pequeno porte resulta na impossibilidade do sistema de oferecer padrões mínimos de qualidade e em problemas gerenciais os mais diversos.

Sentidos: Qualidade, eficiência, Melhoria do sistema e qualidade da educação, Promoção da qualidade, Melhoria e sucesso, Eficiência e produtividade. **Focalização:** Melhoria do ensino, Melhoria do Ensino Fundamental, Escola fundamental, Prioridade

para a educação, Educação de qualidade, Profissionais da educação qualificados, Ensino Fundamental, Educação básica, Gestão Escolar, Parceria com os empresários, Gerenciamento.

A construção desse esquema temático sintético com relação ao campo discursivo documental permitiu edificar a materialidade histórica na análise do discurso aqui realizada. Essa tem uma particularidade própria: característica constituinte do seu movimento dinâmico interdisciplinar de intercalação com outras áreas do conhecimento. Na pesquisa realizada, a dissecação da formação discursiva em torno da questão da qualidade foi fundamental para definir a materialidade histórico-social do discurso arraigado.

A possibilidade de interpretação vem, pois, desta materialidade que se insere no contexto histórico social de sua produção (Brandão, 1997). As perguntas feitas a problematização do objeto de estudo nasceram a partir de duas extensões complementares: a da materialidade histórica e a da teoria do discurso numa perspectiva foucaultiana. As perguntas nortearam a análise realizada, no caso desta pesquisa, entre a educação e o campo produtivo. Os discursos neoliberais apoderaram-se do campo educacional com especial “competência” na última década do século XX, em âmbito nacional o marco simbólico é o governo FHC e o seu Ministro da Educação, Paulo Renato; e, no estadual as duas últimas gestões do empresário-governador e o seu secretário de educação, professor Antenor Manoel Naspolini, que passou sete anos e sete meses à frente da SEDUC, cognominando-se de o “timoneiro da caminhada cearense” (Naspolini, 2001), ao fazer referência ao processo de reforma educacional implantado em sua gestão (1995-2002).

Neste contexto, a doutrina neoliberal ganhou diversas formas, sendo uma delas a que se relaciona à proposição da “qualidade”. Para Enguita (1994) cunhar o termo qualidade em educação significa, no mínimo, o reconhecimento das diferen-



tes possibilidades de constituição da qualidade. Compreender esta problemática possibilita a explicitação da produção de sentidos do processo de engendramento do discurso único em torno da qualidade e da sua prática, em suma, trata-se de desmistificar os processos ideológicos subjacentes. Extraiu-se algumas formações discursivas construídas no sentido de facilitar a compreensão do método analítico adotado.

O discurso, aparentemente, pode parecer inocente e progressista, mas quando são feitas as perguntas apresentam as famosas lacunas ou silêncios: “Nenhum país poderá almejar a uma posição de destaque no cenário internacional sem um sistema de ensino de qualidade”. Qual o cenário internacional do qual se fala? O da mundialização do capital vulgo globalização? E por que precisamos ganhar destaque nesse contexto? Na formação discursiva dos documentos analisados tem-se que se precisa incentivar a “Melhoria da eficiência do ensino fundamental”, o que representa investir na “melhoria da eficiência no ensino fundamental”? Significa que este nível de ensino já é em si eficiente? Vamos apenas “melhorar” a sua eficiência? E por que eficiência, um termo que veio transplantado das empresas e dos modelos gerencias de administração?

Outra formação discursiva reveladora: “Desenvolvimento de referenciais positivos e inovadores de gestão, capazes de inspirar os dirigentes na determinação de gestão capazes de garantir a maior eficácia do ensino”. O que significa “garantir maior eficácia” no sistema público de ensino? Com relação ao seguinte enunciado: “Fortalecer o papel dos empresários e dos Pais na melhoria e no sucesso do aluno. E (...) tornar eficiente e produtivo o gerenciamento dos serviços e ações administrativas na escola”. Por que fortalecer o papel dos “empresários”? Qual o compromisso que os empresários têm com a escola pública numa sociedade capitalista? Sabe-se que as escolas particulares não são poucas neste estado, e mesmo, na época da reforma educacional elas não pararam de crescer, a despeito de

informações oficiais de que a “universalização” foi atingida. Outra formação discursiva presente nos documentos analisados, e particularmente preocupante é “tornar eficiente e produtivo o gerenciamento dos serviços e ações administrativas na escola”. Qual o valor que tem a “produtividade” na escola? Isto é possível, uma vez que a escola não trabalha com matérias-primas para fazer o seu beneficiamento? E caso, não se considere possível porque razão exigir da escola que tenha produtividade? No que diz respeito ao “gerenciamento”, o que se quer mesmo dizer com isto? Que a escola pública é uma empresa e como tal deve ser gerenciada? Que o diretor e a sua equipe são os gerentes?

Educação x Qualidade: a Voz dos Donos

A centralidade do termo “qualidade” se legitima por dois sentidos: no primeiro é meta a ser alcançada, apesar de se reconhecer que o sistema não tem possibilidade de alcançá-lo, e no segundo se referenda a necessidade da “qualidade interna” como condição para manutenção do aluno na escola. Na formação discursiva: “A ação do governo utilizará os modernos conceitos de qualidade, voltados para o cidadão como cliente, e a busca constante da melhoria de qualidade no atendimento”. Quais são os modernos conceitos de qualidade? A modernização e a racionalização administrativa em tempos de “encolhimento do Estado”? A otimização, a maximização dos “insumos”? E por que reduzir a relação de cidadania a de cliente? Então ser cidadão é ser cliente? Os nossos alunos, agora são clientes da escola pública? E os professores o que são nessa relação? O conhecimento nessa relação é mercadoria?

Como entender a transplantação fidedigna de uma palavra utilizada para designar, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2004, p. 740): o “comprador assíduo de uma casa comercial; freguês; correntista de um banco”



aos espaços pedagógicos e de convivência educacional de uma unidade escolar? Dar aulas, agora, passou a ser sinônimo de “atendimento”? A formação discursiva presente nos documentos como as Mensagens de governo à Assembléia Legislativa do Estado (1996-2002), podem ser assim sintetizadas:

- 1) “Com um objetivo comum de garantir a otimização do ensino” e “A grande meta buscada pode ser assim sintetizada: queremos uma escola pública, democrática, de qualidade e com sustentabilidade”;
- 2) “As ações implementadas, por meio de programas e projetos, objetivaram promover a melhor qualidade, eficiência e igualdade na prestação dos serviços educacionais”; e “Projeto de qualificação da educação básica (aprovação de um empréstimo no valor de U\$ 90 milhões específicos para o setor educacional)”;
- 3) No âmbito da modernização e do desenvolvimento institucional, através de convênio da SEDUC com a Fundação Brava e a Fundação de Desenvolvimento Gerencial (FDG), está sendo implantado o Programa de Melhoria da Educação Básica (PMEB); e,
- 4) “Como uma das principais iniciativas do ano, pode ser citada a assinatura do contrato firmado entre o Governo do Estado e o Banco Mundial, no valor global de US\$ 150 milhões (U4 90 milhões do BIRD + U\$ 60 milhões do Estado), destinados a promover a maior qualidade, eficiência e igualdade na prestação dos serviços educacionais” e “A melhoria da qualidade no sistema educacional também passa pela disseminação do uso de tecnologias de informática e telecomunicações, a serviço da qualidade da educação”.

No geral, observa-se que a tônica do discurso “gira”, como nas demais formações discursivas, em torno da “Qualidade”. Em verdade, a “qualidade” é a forte carga significativa das

enunciações discursivas formuladas pelas políticas educacionais do período em foco. Contudo, ora ela aparece como uma meta a ser alcançada, porém de difícil consecução, ora aparece como apanágio para a inserção do Estado na era da competitividade, como já foi visto. De fato, o termo “qualidade” traz em si uma intensa interpelação ideológica dizendo respeito aos movimentos que este discurso processa no interior da formação discursiva, ou seja, a construção de um sentido homogêneo único para o campo discursivo educacional a partir da reforma “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”.

As evidências discursivas mostram que tem se dado “uma transplantação conceitual” do campo empresarial ao campo educacional, por meio de expressões: “prestação dos serviços educacionais”; “modernos conceitos de qualidade”; “Cliente”; “atendimento”; “gerenciamento e modernização”; “otimização”; enfim, uma série de termos “modernos” que substituíram no interior da escola outros que o tempo levou, e quem sabe nem mais a memória remota os devolva ao seu lugar de direito. Para tornar concreta a qualidade que a SEDUC sonhou foi estabelecida uma parceria com uma empresa de “moderna estrutura gerencial” que tem o objetivo de promover a modernização e o desenvolvimento institucional, através de convênio da SEDUC com a Fundação Brava e a Fundação de Desenvolvimento Gerencial (FDG), está sendo implantado o Programa de Melhoria da Educação Básica (PMEB).

Essa lógica dos discursos tem caráter nitidamente funcionalista e tecnocrata, atribuindo a competência técnica à prática social legitimada pela carga simbólica do discurso. Na escola o discurso provocou uma tentativa imediata de adequação a essa concepção de educação. O dispositivo analítico utilizado nesta pesquisa considerou que o discurso produzido em tempos de hegemonia neoliberal no Ceará teve como finalidade o transplante dos valores empresariais para o contexto da educação pública, estabelecendo uma espécie de “viagem



forçada” dos envolvidos com o trabalho na escola pública cearense a essa nova ambiência gerencial, tentando plasmar um “novo nosso modo de ser e de fazer ensino público”, legitimando tudo isto em nome da qualidade.

Os sentidos imprimidos a questão da qualidade são bastante significativos, uma vez que se pretendeu a uniformidade deste conceito na tessitura do discurso da política educacional “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”, negando a sua própria heterogeneidade discursiva. Leis da teoria de administração empresarial foram transferidas para o âmbito da teoria educacional, gerando uma sensação de descentramento do sujeito, vez que de hora para outra a escola passou a ser considerada incompetente, ineficaz, ineficiente, produtora de fracassos, enfim, responsável em todos os sentidos, pela exclusão social, fruto de um sistema social perverso e cruel, que para se auto-sustentar sacrifica milhares e milhares de vida no limbo da miséria social.

Considerações Finais

O discurso precisa ser considerado em sua capacidade de legitimação e justificação das injustiças: é bom não esquecer que a escravidão negra na idade moderna foi justificada e legitimada pelo discurso ‘hegemônico e homogêneo’ da Igreja Católica Apostólica Romana, permanecendo por mais de três séculos, ainda hoje se tem um legado histórico violento da sua existência. Assim, não são apenas os efeitos conotativos do discurso que se pode criticar, mas em essência a sua prática legitimada e justificada, constituindo-se em acontecimentos sociais, ganhando sentido no mundo, historicizando-se.

Os conceitos elementares discutidos aqui não são elementos abstratos, mas possuem materialidade discursiva; são o ponto inicial das práticas sociais e históricas, que tem continuidade no tempo e/ou no espaço. No caso desta pesquisa, o

ponto de partida foram às transformações econômicas, sociais, históricas, políticas e culturais cujo começo foi as três últimas décadas do século XX, e o ápice a sua última década originando suas próprias práticas. A idéia partiu da necessidade de dar uma “versão” teórica à realidade discursiva e a prática elaborada; portanto, são suscetíveis de novas leituras teóricas e dilatações práticas.

Em outras palavras um novo olhar lhe é sempre bem vindo. A “qualidade” não possui um único sentido, mesmo considerando sua formação ideológica empresarial. Ela se multiplica, se desdobra em diferentes valores. Contudo, no plano ideológico seu valor é um só: tratar a instituição escolar fora dos movimentos do campo produtivo do modo de produção capitalista na sua fase rentista. É como se a escola estivesse imune às relações de trabalho capitalista, a despeito de ser instrumento essencial de sua reprodução (Ianni, 1997).

O termo qualidade é a palavra chave nos documentos e no discurso oficial. O lema de propaganda da Secretaria de Educação Básica de 1995 a 2002 foi “Todos pela Educação de Qualidade para Todos”, onde tentava sintetizar, o por quê das reformas nas políticas públicas de educação, encetadas a partir, principalmente de 1995. O discurso da qualidade foi de uma unanimidade totalizadora na política pública educacional cearense no período de 1995-2002. Nessa perspectiva, a qualidade cristaliza-se como meta absoluta, e mesmo aqueles que têm certa postura crítica com relação ao seu uso disseminado e indiscriminado, como se fosse uma espécie de elixir de resolução de todos os problemas da educação pública vê-se obrigados a render-lhe loas.

Mas, o que é mesmo a qualidade? E o que quer dizer qualidade na educação pública em tempos de reformas profundas nas políticas públicas na área da educação, para atender a conjuntura histórico-social contemporânea? Ao responder esta pergunta, lancei mão dos estudos de Enguita (1994). Para



ele, a questão da qualidade em educação, deve ser analisada a partir de uma perspectiva crítica e sob uma ótica histórico-social, e não como um simples interesse a ser perseguido, que de repente despertou a todos os que fazem a educação pública.

A palavra qualidade“(...) de um simples termo ou expressão, transforma-se assim no eixo de um discurso fora do qual não é possível diálogo, porque os interlocutores não se reconhecem como tais senão através de uma linguagem comum” (Enguita, 1994, p.95). Contudo, a predominância desse ou daquele termo, dessa ou daquela palavra, desse ou daquele ideal pessoal, social ou político nunca é neutro ou destituído de intenções em sua existência, e isso não é diferente com a unanimidade que tem alcançado a questão da qualidade.

O que então está subjacente ao discurso da qualidade? Ao desmistificar o discurso da qualidade em educação, Enguita explicita: “Embora a escola continue sendo essencialmente uma organização burocrática, normalizadora e disciplinadora, cuja principal função, que desempenha basicamente bem, é a socialização da força de trabalho, ela passou por profundas mudanças em direção a uma abertura, uma tolerância, uma liberalização e uma democratização crescentes, assim como uma maior atenção às necessidades, interesses e desejos dos alunos considerados individualmente ou em grupo”. A qualidade na educação assumiu um único sentido: os valores empresariais como eficiência, eficácia, efetividade, racionalização, modernização, otimização dos resultados adquirindo um caráter tecnicista, para atender às exigências pragmáticas do mercado.

Dirigir uma escola neste discurso significou a implantação de técnicas da qualidade, no sentido de solucionar todos os problemas crônicos da escola pública através de medidas superficiais de disciplinamento da rotina administrativa escolar, na mesma proporção, silenciou sobre as precárias condições de trabalho dos professores, sem contar com a desvalorização desse profissional que se dá principalmente através de uma

remuneração que está longe de atender as suas reais necessidades sociais e intelectuais, pesquisas apontam para uma proletarianização em massa dessa categoria profissional que em tempos outros da educação cearense era considerada elite.

No entanto, o silêncio não diz respeito apenas a essa situação, e sim em torno da questão social no Ceará. Omite-se a escola de debater acerca da problemática de miséria em que vive a grande maioria de nossa população. Não se fala, por exemplo, nas condições subumanas em que vivem nossas crianças e adolescentes, da violência a que são submetidas diariamente numa sociedade que lhes negou o direito a uma vida digna e minimamente respeitosa. Simplesmente despolitiza-se a escola, reduzindo-a a uma instituição oficial que se tornará tanto mais competente quanto mais aplicar o 5S na sua rotina escolar.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

CEARÁ, Governo do. *Plano de Desenvolvimento Sustentável*. 1995-1998. Fortaleza: Secretaria do Planejamento e Coordenação, 1995.

CEARÁ, Secretaria de Educação Básica do Ceará. *Gestão Participativa – Conselho Escolar*. Fortaleza – CE: 1996.

ENQUITA, Mariano; FRIGOTTO, Gaudêncio. *Neoliberalismo, qualidade total e educação, Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Editora Vozes, R.J, 1994 FIORI, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997. FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O mito na sala de jantar**. Porto Alegre, Movimento, 1993.

_____. **A análise do discurso: para além de palavras e coisas**. Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n° 2, p. 18-37, jul/dez.1995.



FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Veja/Passagens, 1992.

HUHNE, L. M. (Org) – Metodologia Científica. Rio de Janeiro, Agir, 1992.

IANNI, Octávio. *Teorias da Globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 1997.

NASPOLINI, Antenor. *A reforma da educação básica no Ceará*. Revista Estudos Avançados. Publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Avançados da USP. 15 (42): 169-86, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed.. Campinas: Pontes Editores, 1996.

PECHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1997, 2ª edição.